

ARTIGO

ARTÍCULO

AOS OLHOS DE JUDAS: SEMIÓTICA E IMAGEM NA AMAZÔNIA*

*A LOS OJOS DE JUDAS: SEMIÓTICA E IMAGEN EN
LA AMAZONÍA**

*IN THE EYES OF JUDAS: SEMIOTICS AND IMAGE
IN THE AMAZON**

MAURÍCIO ZOEIN

Universidade Federal de Roraima (UFRR), Brasil

COMO CITAR

CÓMO CITAR

ZOEIN, M. Aos Olhos de Judas: Semiótica e imagem na Amazônia. **Cruzeiro Semiótico**, São Paulo, v. 2, n.2, p. 1-21, jul.-dez., 2025.

**CRUZEIRO
SEMIÓTICO**

* Primeira de três etapas de um encadeamento.

Σωκράτης — Ἐγείρεις ζήτημα ὥς μόνῳ δύναμαι
ἀποκρίνασθαι δι' εἰκόνας.
Ἀδείμαντος — Ἀλλὰ οὐκ εἰώθας δι' εἰκόνων λέγειν!
Σωκράτης — Παίξεις ἐμοὶ μετὰ τὸ ἐνταῦθ' ἐμὲ ἐν
ζητήματι οὕτως δυσχερεῖ ἐνέγκαι (ΠΛΑΤΩΝ)¹

INTRODUÇÃO

Mas, por que sob o olhar de um reconhecido e historicamente traidor?

Filho de Simão e nativo de Kerieth na região sul da Judeia, Judas Iscariotes² foi um homem letrado e instruído em números. Por isso, ocupou o cargo de contador dos 12 apóstolos de Jesus. Pois bem, a etimologia da palavra traição tem procedência no latim *traditio*, *ōnis*³, ação de dar, ensino. Porém, os tradutores latinos dos evangelhos, escolheram o verbo *tradere*, cujo significado é entregar⁴ para fazer referência ao ato de Judas quando entregou Jesus aos romanos. Por sua vez a palavra *traio* deriva de *trado*, ou seja, o ato de entregar para alguém ou transmitir. Ainda com o verbo *tradere*, encontramos outro significado. Desta vez na forma reflexiva: *dedicação a uma atividade. Traditio, a difusão de narrativa, e a palavra traidor* podem significar tanto traidor⁵ como aquele que ensina. Um sentido duplo que nos serve ao propósito de pensarmos a imagem como um símbolo na construção de uma expressão semiótica para a representação do corpo humano na Amazônia.

Porventura aquele que trai conscientemente possui algo a ensinar. Nos entrega uma verdade construída em uma época passada, mas que reverbera no tempo presente. Por sua vez a semelhança proposta por parte da imagem não é

1 Sócrates — Suscita uma questão à qual só posso responder por uma imagem.

Adimanto — Mas não é costume teu expressar-te por imagens!

Sócrates — Troças de mim depois de me teres comprometido numa questão tão difícil de resolver.

2 Etimologicamente encontramos no latim o nome Iscariotes relacionado ao grupo dos zelotes, mais especificamente aos sicários que utilizavam, na maioria das vezes, facas contra os romanos, principalmente da palestina. O que corrobora a transliteração do hebraico ish sicari homem do punhal. Também do hebraico encontramos, *ehudhah ish Qeryoth*, e no grego *Iouda Iskariōth*. E por fim no Aramaico *Saqar* - aquilo que é falso.

3 “Traditī, perf. de trado. traditio, ōnis (trado), f. 1. Acção de entregar, de transmitir, de dar, entrega, transmissão. 2. Rendição (de uma cidade), capitulação. 3. (Fig.): a) Narração histórica, narrativa; b) Transmissão de conhecimentos, ensino; c) Tradição. traditio, ōris (trado), m. 1. Traidor, o que entrega. 2. Aquele que transmite conhecimentos, o que ensina. trādō (ou trānsdō), is, ěre, dīdī, dītum (trans, do) v. tr. 1. Transmitir, entregar, dar, deixar por herança; alicui hereditatem tradere Cic. transmitir uma herança a alguém; se tradere dar-se, entregar-se, dedicar-se (se in studium tradere Cic. dedicar-se a um estudo); 2. Confiar; ei tradidit turrim tuendam C. confiou-lhe a defesa duma torre; 3. Entregar, ceder, abandonar. 4. Trair, atrair. 5. Transmitir (oralmente ou por escrito); 6. Contar, narrar, dizer segundo a tradição (sobretudo na pass. Impess.); traditur, traditum est, memoriae traditur diz-se que, conta-se que; Africanum, Laelium doctos fuisse traditum est Cic. diz a tradição que Cipião Africano e Lelio foram cultos; utrumque traditur Liv. as duas versões existem, há duas versões; 7. ensinar, transmitir aos discípulos; multa juventuti tradunt c. (os Druidas) ensinam muitas coisas à juventude”. (FERREIRA1983, p.1.165)

4 Do hebraico ramah. No vocábulo grego, paradidomi, sem pormenorizar, dá há entender uma ação desleal.

5 Do grego *pro-dó-tes* deriva do verbo que significa entregar.

competente o suficiente para transportar consigo a dimensão do tempo, do espaço e principalmente do corpo representado. Tal semelhança é a porção finita na infinitude do real.

Existe um encadeamento simbólico, sob a ótica do Synechism Peirceano, entre o símbolo germinal (*Germinal Symbol*) que estruturou a representação imagética dos ditos corpos “selvagens” nas gravuras do Brasil durante os séc. XVI e XVII e a constituição contemporânea do corpo amazônico como imagem fetichizada e consumível, na qual sujeitos históricos são convertidos em símbolos de pobreza e do exotismo?

ENTRE EIKON E TZELEM

Ao longo da história, o ser humano, na própria complexidade, encontrou na linguagem do cotidiano os elementos que lhe permitiram compreender o que é a imagem. Ao buscar entrelaçar o que acreditava ser o conhecimento sobre a imagem, na medida em que lhe era possível, com fragmentos do saber erudito, formulou teorias e concebeu interpretações sobre o que a imagem representa. Encontrei, em tão intensa dedicação, a raiz grega: εἰκών - eikon⁶: imagem, representação e semelhança. E, a derivação latina, imago⁷ do latim: ícono, comumente empregada para designar a imagem. Desde tenra infância a humanidade procura vislumbrar na imagem a conquista sobre o λόγος⁸ - lógos (logos)⁹. Um feito capaz de submeter a razão ao ceticismo quando se crê – com a fé erguida sobre o auspicium da experiência vivida – no que a percepção nos impõe de forma atrevida. Convencer-se que a verdade se apresenta sincrética ao percebedor é uma necessidade que se remodela nas diversas culturas com o passar do tempo e com as associações sígnicas que o ser humano produz a realidade. Considero que enaltecer, lastimar ou o simples fato de reconhecer tais associações repousa no que é importante, e.g. considerar o grau (e) afetivo da relação entre aquele que percebe com a realidade e vice-versa.

A trajetória intelectual percorrida para alcançar e entender o que percebíamos visualmente era a passagem para uma via de acesso ao discernimento espiritual. Iluminados e iluminadores estávamos à mercê do empíreo imagético físico ou mental que concebemos e em que somos concebidos. Hora criadores, hora criaturas exis-

6 O que se torna fenômeno

7 Etimologicamente a palavra imagem possui a designação de máscara mortuária que era conduzida durante os funerais na Roma antiga.

8 Na tradução grega do evangelho de João 1:1 com a frase: “Ἐν ἀρχῇ ἦν ὁ Λόγος, καὶ ὁ Λόγος ἦν πρὸς τὸν Θεόν, καὶ Θεὸς ἦν ὁ Λόγος”. Porém, ao traduzirmos Λόγος, utilizando o pensamento anterior a filosofia clássica e com uma certa distância das obras teológicas, encontramos o termo “logos” derivada do verbo λέγω - légō i.e. “eu digo” ou no infinitivo λέγειν - légein, “palavra”. Logos possui, incorporado, o ato criativo – ποιησις - poiesis –, e a capacidade cognoscente – νόησις - noesis.

9 Conforme os escritos heraclitianos: lógos pode ser compreendido como justa medida ou razão.

timos/ resistimos as nossas próprias histórias. “*E disse Deus: Haja luz; e houve luz*”. No livro de Gênesis 1:3: “Haja luz”, cujo verbo hebraico *hayah* igualmente significa “aparecer”. Então: “Que apareça luz; e a luz apareceu”. Ou podemos nos referir à luz emanada pela explosão cósmica do Big Bang¹⁰ a 20 bilhões de anos. O fato é: com a luz percebemos, alcançamos, registramos e interpretamos a imagem. Porém, a percepção visual também requer a utilização da memória, que, por sua vez, reivindica o imaginário. Seguimos o caminho que a humanidade se colocou na dinâmica espiritual entre a imagem e o lógos.

No Gênesis, em 1.26: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança”. Do hebraico *tzelem* (imagem) e *demut* (semelhança). Porém na frase original foram utilizadas as palavras *betsalmenu* (à nossa imagem) e *kidmutenu* (conforme a nossa semelhança). Ao traduzirmos do aramaico nos deparamos com um sentido mais peculiar. E disse o senhor: “Façamos o homem em nossa semelhança, similar a nós mesmos... E a Palavra do Senhor criou o homem em Sua própria semelhança...” A imagem emanada ou produzida de algo, alguém ou alguma coisa é a correspondência, representação ou está no lugar de... que dá ciência da existência, seja subjetiva ou não, ao outro. O eu e/ou outro, por sua vez, procura elementos para crer na semelhança. Tal mapeamento num primeiro momento se dá por meio do olhar. Porém, se Deus criou a humanidade, a humanidade criou, cria e recria deuses constantemente nas catedrais, templos, estatuas, telas e mentes à própria imagem e semelhança.

Contudo na Grécia de Sócrates (469 a.C.-399 a.C.) o ato de criar era desprovido de criatividade. Basta perceber no mundo das formas proposto por Platão (427a.C.-348a.C.). Tanto na *απάθης* - *apathé*¹¹, *κάθαρσις* - *kátharsis*¹² ou *ποίησις* - *poíesis*¹³ nada se cria. Todas são *μιμησις* - *mimesis*¹⁴ passivas, representações imperfeitas, fantasmagóricas, *εἰδωλον* - *eídolon* de uma realidade inatingível. Os gregos acreditavam que *Ζεύς* - *Zeús*¹⁵ (Zeus) ao matar o pai, *Κρόνος* - *Krónos*¹⁶ (Cronos), enganou ao tempo, *Μνημοσύνη* - *Mnēmosýnē*¹⁷, irmã de *Krónos*, que, entre outras funções, era responsável por selecionar as informações merecedoras de serem preservadas ao tempo. *Λήθη* - *Léthē*, filha de *Ἔρις* - *Eris*, a deusa da discórdia, ao contrário, era encarregada de confiná-las ao esquecimento.

10 Teoria divulgada em 1948 por Georges Lemaître (1894-1966) padre e astrônomo belga e o cientista George Gamow (1904-1968).

11 *Apathés*. Impassível e/ou insensível.

12 Purificação.

13 *Poíesis*. Fabricação, atividade operatória.

14 *Mimesis*. Representação.

15 Considerado o pai dos deuses.

16 Filho de Urano e Gaia, Cronos era considerado como o tempo indomável que a tudo consome e que conduz silenciosamente todas as coisas e seres.

17 Considerada a deusa da memória, era a ela que os gregos oravam para que as obras humanas fossem preservadas e gerações futuras pudessem desfrutá-las e com elas aprendessem sobre o passado. Este pensamento unia a memória ao tempo.

No tratado *Περὶ Μνήμης καὶ Αναμνήσεως* (Da memória e da reminiscência)¹⁸ Ἀριστοτέλης - Aristotélēs¹⁹ (384a.C.-322a.C.) estudou o desempenho das imagens no ato do pensar. O termo imagem estava associado a materialidade, seja por meio da percepção ou da sensação. Ainda, no mesmo tratado, Aristotélēs (Aristóteles) versa a rememoração como disposição espontânea das representações mentais.

Ἐπίκουρος²⁰ Σάμος - Epikouros de Samos (341 a.C.-270 a.C.) e consequentemente os Ἐπικούρειους - Epikourēious (Epicuristas: 111a.C.-11a.C.), acreditavam que as imagens possuíam uma relação direta com a verdade por serem elaboradas a partir de um existente. Os Στωϊκός - Stoikós (Estoicos: 111a.C.-I d.C.) estipularam a palavra imaginação para distinguir as imagens não sensíveis das sensíveis.

Perceber a realidade, confeccionada pelo imaginário, é um contexto que prima por relações. As imagens, por possuírem uma aura densa de magia²¹, empreendem que tais relacionamentos possuam um caráter mágico. Cabe a nós, seduzidos por nigromantes poderes imagéticos, pensarmos sobre as formas de sobrevivência das imagens como atitudes apropriadas para fornecer-nos condições de sustentar o (in)conveniente testemunho de uma experiência imagética. E mostrar que tal escolha que mnemonicamente atravessa o tempo e a espacialidade é uma escolha cultural. Em outras palavras, é entender o olhar inscrito entre a expressão e a percepção por meio da semelhança proposta na imagem. A partir do encontro do que é olhado e de quem olha tentar alcançar a memória e/ ou o esquecimento²² coletivo, com as bênçãos de Mnemósine ou a maldição de Léthê, ou seria ao contrário?

O CORPO ESTAMPADO

A busca por consagrar a relação imagem e racionalidade, ou a profanação da afinidade entre o que percebemos visualmente com o que acreditamos ver, acompanha a reflexão sobre o que é a realidade e, consequentemente o que é verdade. Um exemplo, cuja natureza nos provoca constantemente, é o empreendimento humano em tentar desvendar os enigmas do próprio corpo. O suave bafejo do mistério envolve a criatura até a própria torná-lo ventaneira brenha. A criatura vai ao extremo para manifestar a teimosia, outrora contida e disciplinada pelo mito, e

18 No diálogo *Philebus*, Platão (427 a.C.-347 a.C.) assinalou duas ocasiões da ação mnemônica: a conservação das sensações e a reminiscência.

19 Fundador do Liceu.

20 Aliado.

21 Do latim magia, proveniente do grego antigo mageía (μαγεία) que por sua vez do antigo persa magush, possuidora da raiz magh- ("ser capaz", "ter poder"). Conforme Paracelsus, (Philippus Aureolus Theophrastus Bombastus von Hohenheim 1493-1541) a imaginação (*imaginatio*) é uma ferramenta que mobiliza à vontade e adequa a exteriorização da magia no universo.

22 Transitivo direto, transitivo indireto e pronominal - deixar escapar da memória; não se lembrar de. Latim clássico-*excadēre*. Latim vulgar-excadescēre - cair fora.

desvendar o mistério. O recurso foi a criatura cortar a carne da criatura²³. Característica que acompanha o ser humano desde Alexandria²⁴ com o anatomista Herophilos de Chalcedonia (335a.C.-280a.C.) praticando a dissecação que na época, séculos IV e III a.C, e no lugar, Egito, era desimpedida de preconceitos. Porém, o tempo aliado a diversidade cultural inibiu a prática dissecatória até o séc. XVI.

Aqueles que deram início a tarefa esmiuçadora da anatomia²⁵ o fizeram sob a influência da escolha cultural das formas e composições da imagem humana. Começamos por Galeno de Pérgamo (129-210/216?)²⁶. As investigações médicas do filósofo grego rendeu-lhe fama e prestígio. Ao vivissectar animais²⁷, Galeno, inferia sobre a anatomia humana; estruturas musculares, ósseas etc. As hipóteses e teorias galênicas seguiram influenciando a medicina, escultores e pintores ocidentais por cerca de um milênio. O empenho humano em utilizar a imaginação como cúmplice da imagem exigia cada vez mais da cultura. Com a insuficiência em descrever as relações entre as formas e as funções era preciso estimular, vincular e concentrar a capacidade interpretativa no foco de interesse. Assim, a circunstância descrita, também, necessitaria ser vista, ter a própria imagem apta a representá-la.

Seguindo a ordem cronológica encontramos o polímata persa Avicena²⁸ (980-1037) cujo trabalho foi inspirado por Galeno, entre outros. Das 450 obras produzidas pelo polímata apenas 240 resistiram ao tempo e o descaso humano. Em meio as sobreviventes, 40 eram referentes a medicina dentre eles o “Cânone da Medicina de Ibn Sīnā”²⁹, elaborado pelo médico muçulmano em 1020. A partir do final do século XI e início do século XII foram confeccionados epítomes para melhor difundir as obras de Avicena. Entre eles o *Kitāb al-Mūjiz* (نوناقلا زجوم باتك) “O Livro Conciso” também conhecido por *Kitāb Mūjiz al-Qānūn* (نينقلا زيجام باتيك) “O Epítome do Cânone”. O Mūjiz além de conciso e bem escrito traz consigo uma série de desenhos que confiavam visualidade a partes do corpo humano. A imagem, incapaz e sedutora, estava refém da heresia ou da blasfêmia, mas principalmente, da cegueira religiosa; presa as amarras dissimuladas se debatia entre as fronteiras déspotas impostas culturalmente.

23 Minha mente, caprichosamente, acrescenta no cenário imaginativo a canção folclórica sueca Se Solen Sjunger. Fonte de inspiração para Franz Peter Schubert (1797-1828) compor o segundo movimento Trío nº 2 em Mi bemol maior para piano, violino e violoncelo, D. 929 de forma doubleternária. Destaco o trecho da canção: [...]För nattens mörka skuggor Du flyr o sköna hopp [...]. Antes que a noite chegue com sombras escuras, você foge, doce esperança agora sombria.

24 Ou de forma romanizada: al-Iskandariyya, fundada em 331 a.C. por Alexandre III da Macedônia (356 a.C.-323 a.C.)

25 Do grego ἀνατέμνω anatemnō quer dizer: Ana - em partes e temnō - cortar (cortar em partes).

26 Cláudio Galeno do grego Κλαύδιος Γαληνός, ou no latim, Claudius Galenus de origem grega, mas reconhecido como filósofo e médico romano.

27 A dissecação humana, durante o período de galeno, não era permitida.

28 Abu Ali Huceine ibne Abdala ibn Sina.

29 al- Kitāb al-Mūjiz fi al-ṭibb é composto por 14 manuscritos ou volumes. Foi utilizado como manual de medicina nas universidades do mundo islâmico e na Europa até o século XVIII. A obra introduz a investigação e o estudo da anatomia.

A dedicação em desvendar as relações entre os órgãos humanos e as funções a eles estabelecidas foram capazes de rejeitar liames morais impostos à época. Os ásperos contornos históricos da anatomia, enquanto ciência que estuda a estrutura do corpo, foram provocados em parte com a colisão entre a necessidade investigativa, ingrediente substancial do desenvolvimento do pensamento racional, e a exigência moral/religiosa da época. A dissecação³⁰ era reprimida, tratada como ilegal pelas autoridades da Igreja entre os séculos IX e XI. Repetir, sem questionar, os ensinamentos de Galeno? Nem todos. Mondino De' Luzzi³¹ (1270-1326) marcou a história da anatomia medieval por se rebelar contra várias ideias de Galeno. Em 1231, Frederico II (1194-1250)³² decretou que as escolas médicas obtivessem o direito de dissecar um corpo humano a cada cinco anos (Pilcher, 1906). Mondino praticava a dissecação humana pública no curso de anatomia, rendendo-lhe o título de ser o primeiro, após Herophilos e Erasítrato de Chio (310 a.C.- 250 a.C.)³³.

Uma lista robusta formada por nomes vigorosos continua a ser construída. Leonardo di Ser Piero da Vinci (1452-1519)³⁴. Em meados de 1470 o interesse de Leonardo estava voltado tanto para óptica quanto a anatomia. Podemos considerar que ao explorar o funcionamento do corpo humano com interesse no aprimoramento da obra de arte, os desenhos hora explicativos, hora descritivos, serviriam para o estudo da anatomia. Michelangelo di Lodovico Buonarroti Simoni (1475-1564). Em relação aos estudos anatômicos realizados por Michelangelo um bom exemplo é o desenho "Nu masculino com proporções indicadas" realizado entre 1515 e 1520. Um estudo de giz vermelho, ao que tudo indica, cuja função didática se encontra estabelecida nas anotações do artista. Dispondo como unidade uma testa ou cabeça³⁵. Acreditamos que o interesse no corpo foi distinto do interesse na cabeça. Notamos, além da falta de sombreamento, que as unidades utilizadas, cerca de onze testas e meia, reclamariam por um corpo alongado e grácil. Ao contrário, o fato de a cabeça estar em uma proporção menor, evidencia os ombros e, por conseguinte a musculatura da compleição física. Charles Estienne ou Carolus Stephanus (1504-1564). Embebido no pró-humanismo literário da época continuou a tradição da profissão familiar tornando-se um impressor, erudito que, entre outros atributos, foi doutor em medicina. Em meio aos anos de 1530 e 1534, esteve na Itália onde conheceu Bolonha, Florença, Roma e Veneza. Estienne, apesar de ter contribuído para a difusão da ana-

30 Etimologicamente a palavra dissecar (*dis* – separadamente, *secare* – cortar) é o equivalente latino do grego *anatemnō*.

31 Também reconhecido como Raimondino Dei Liucci, ou Mundinus.

32 Frederico Roger de Hohenstaufen foi Imperador do Sacro Império Romano-germânico, quer dizer, imperador de Roma, rei da Alemanha, da Sicília e de Jerusalém.

33 No Egito, Herophilos foi aluno de Ptolomeu e mestre de Erasítrato, juntos fundaram a Escola de Medicina da Alexandria. Foram os primeiros a utilizar a dissecação do corpo humano para pesquisas.

34 Polímata italiano cuja biografia, conquistas, obras e manias fazem parte da história do desenvolvimento intelectual humano. Para a pesquisa, nosso interesse, se susteve na atração do pintor sobre anatomia.

35 Referimo-nos a distância entre o queixo à linha do cabelo. Que é análoga ao comprimento da mão.

tomia³⁶ humana na França, desconhecia tal estudo. Consequentemente precisou associar-se ao anatomista Etienne de la Rivière (* - 1569) para instruir-se sobre a temática dissecação. Durante o processo para publicação da obra “La Dissection des parties du corps humain” (1546) a relação entre os dois deixou de ser amistosa. De la Rivière sentiu-se afrontado quando seu nome foi omitido do manuscrito para impressão. Acusado de plágio Estienne foi obrigado a incluir o nome do associado no livro na qualidade de coautor. Uma primeira versão em latim, “Corporis Humani Bibri III”, foi publicada em 1545 e no ano seguinte deu-se a publicação francesa. Assim, ao longo de séculos de investigações anatômicas, desde as dissecações pioneiras de Herophilos e as influentes teorias de Galeno, passando pelas inovações de Mondino De’ Luzzi e culminando nas detalhadas representações artísticas de Leonardo da Vinci e Michelangelo, a cultura ocidental forjou uma compreensão imagética do corpo profundamente enraizada em preceitos culturais ocidentais. Essa construção consolidou um cânone visual e interpretativo do corpo humano, estabelecendo um arcabouço conceitual e representacional que, inevitavelmente, seria projetado e imposto sobre a percepção e a representação dos corpos em outras culturas, moldando a forma como o “outro” seria visto e compreendido por meio do símbolo ocidental estabelecido.

A REPRESENTAÇÃO DO CORPO NO BRASIL

Hans Staden (1525–1576), nascido em Homberg, na região de Hesse, formou-se no contexto religioso e político da Reforma. Educado sob a influência luterana, participou da Guerra de Smalcaldia e, após a derrota protestante, integrou expedições portuguesas, realizando duas viagens ao Brasil (1547–1548; 1549–1555). Capturado pelos Tupinambás e mantido sob ameaça de morte por nove meses, regressou à Europa e, incentivado por Johannes Dryander, publicou em 1557 a obra “Duas Viagens ao Brasil”³⁷.

O livro, ilustrado com 54 xilogravuras, ultrapassa o relato memorialístico e insere-se na tradição visual europeia do século XVI. Tais imagens não surgem em vazio cultural. Elas são consequência do processo de construção da identidade imagética ocidental que, desde a Antiguidade clássica e consolidado no Renascimento,

³⁶ Os três livros que compõem a obra contêm 101 pequenas xilogravuras incrustadas no texto, 64 xilogravuras grandes que ocupam a página inteira. Existem três assinaturas reconhecíveis como autores das ilustrações, a saber: Étienne de la Rivière, Jean Mercure Jollat (1490-1550) e Geoffrey Tory ou Godofredus Torinus (1480-1533).

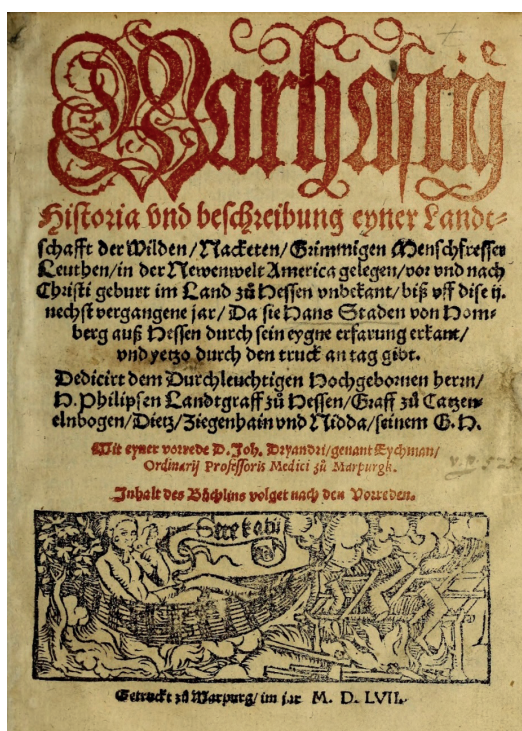
³⁷ Do original: “Wahrhafte Beschreibung eines Landes von wilden, nackten, grausamen Menschenfressern, gelegen in der Neuen Welt Amerika. Unbekannt im Land Hessen vor und nach der Geburt Christi, bis Hans Staden aus Homberg in Hessen es vor zwei Jahren durch eigene Erfahrung kennenlernte und es nun durch den Druck veröffentlicht und zum zweiten mal sorgfältig erweitert und verbessert hat”. Tradução de 1900: “Descrição verdadeira de um país de selvagens nus, ferozes e cannibais, situado no novo mundo America. Desconhecido na terra de Hessen antes e depois do nascimento de Cristo, até que há dois anos Hans Staden de Homberg em Hessen, por sua própria experiência o conheceu e agora a dá à luz pela imprensa e pela segunda vez diligentemente aumentada e melhorada”.

instituiu um cânone visual e interpretativo do corpo humano. A anatomia científica, os tratados de proporção e a perspectiva matemática organizaram um modelo normativo de representação corporal, estabelecendo um arcabouço conceitual que definia o que era ordem, harmonia, humanidade e civilidade.

Um repertório visual, sedimentado por obras artísticas e científicas sobre anatomia, que estruturou a percepção europeia do corpo como medida do mundo. A diferença passou a ser percebida a partir do padrão ocidental. Assim, quando o europeu se depara com os corpos indígenas do Brasil, não os observa em sua alteridade própria, mas os enquadra dentro de um sistema simbólico já estabilizado. O corpo do “outro” é interpretado por contraste com o corpo idealizado daquele que deseja colonizar.

As gravuras no livro de Staden evidenciam tal mecanismo. Embora apresentadas como registros da experiência vivida, elas obedecem a códigos compositivos e narrativos que pertencem à tradição europeia. O indígena é representado como selvagem, nu, canibal, inserido em cenas que enfatizam violência e exotismo. Na folha de rosto (Imagem 01) da primeira edição, a imagem do indígena que consome um membro humano enquanto fixa o olhar no leitor produz um efeito de confronto moral e civilizatório. O corpo amazônico é convertido em signo de barbárie.

Imagem 01 - Página de rosto



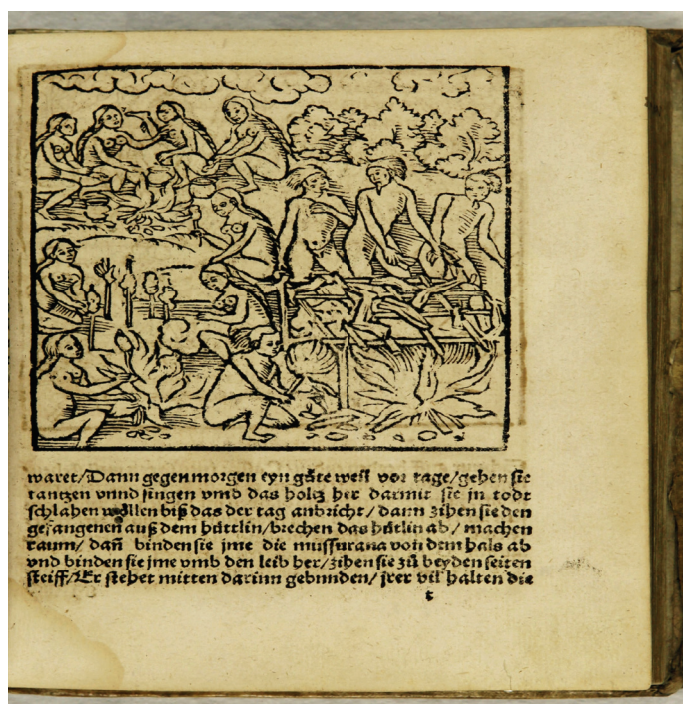
Fonte: John Carter Brown Library. Página de rosto, primeira edição do livro a respeito do relato de Hans Staden: WARHAFRIGE Historie und Beschreibung eines Landt von wilden, nackten und grausamen Menschenfressern, gelegen im Neuen Welt von Amerika, unbekannt vor und nach Jesu Christi in den Landen von Hessen bis zu den letzten zwei Jahren, da Hans Staden, aus Homberg in Hessen, es aus eigener Erfahrung kennengelernt hat, und das er jetzt mit diesem Druckwerk an die Öffentlichkeit bringt. Gewidmet dem durchlauchtigsten und ruhmreichen Fürsten und Herrn Philipp, Landgraf von Hessen, Graf zu Katzenelnbogen, Diez, Ziegenhain und Nidda, meinem gnädigen Herrn. Mit einem Vorwort von Dr. Johannes Dryander, bekannt als Eichmann, ordentlicher Professor der Medizin an der Universität Marburg. Der Inhalt des Büchleins folgt nach den Vorworten³⁸ (Staden, 1557).

Um processo que descreve e institui. A imagem cria um modelo interpretativo que será reiterado por outros autores e artistas, como Théodore de Bry, cuja circulação ampliou o alcance das representações no imaginário europeu. O que se consolida não é somente um relato sobre a Terra de Santa Cruz, mas uma matriz imagética e um símbolo germinal.

A construção da identidade visual do Brasil nasce, portanto, sob o signo de um olhar que projeta seus próprios códigos sobre o território recém-encontrado. O corpo indígena torna-se superfície de inscrição simbólica. A alteridade é domesticada/colonizada pela linguagem/cultura visual do Ocidente. Na imagem 02 o que se vê não é o indígena em sua complexidade cultural, mas sua tradução dentro de um sistema que já definia previamente o que era ser civilizado e o que era ser selvagem.

38 HISTÓRIA VERÍDICA e descrição de uma terra de selvagens, nus e cruéis comedores de seres humanos, situada no Novo Mundo da América, desconhecida antes e depois de Jesus Cristo nas terras de Hessen até os dois últimos anos, visto que Hans Staden, de Homberg, em Hessen, a conheceu por experiência própria, e que agora traz a público com esta impressão. Dedicado ao Ilustríssimo e Glorioso Príncipe e Senhor Felipe, Landgrave de Hessen, Conde de Katzenelnbogen, Diez, Ziegenhain e Nidda, meu misericordioso Senhor. Com um prefácio do dr. Johannes Dryander, conhecido como Eichmann, professor catedrático de Medicina na Universidade de Marburg. O conteúdo do pequeno livro segue após os prefácios.

Imagem 02 – Carne sendo assada



Fonte: John Carter Brown Library. **STADEN, Hans.:** *WARHAFTIGE Historie und Beschreibung eines Landt von wilden, nackten und grausamen Menschenfressern, gelegen im Neuen Welt von Amerika.* 1557, p. 160.

Esse enquadramento imagético funda uma tradição/hábito. Ao longo dos séculos (*Synechism*), a Amazônia herdará essa mesma estrutura de representação. O corpo amazônico, seja indígena, caboclo ou ribeirinho, continuará a ser filtrado por percepções e interpretações construídas a partir do símbolo germinal implantado pelo europeu. O exotismo, a nudez, a violência e a ideia de primitivismo tornam-se recorrentes. A força das primeiras imagens reside no fato de que elas, além de ilustrarem um encontro histórico, instituem um hábito do que enxergar, interpretar e como representar. Ao consolidar um cânone interpretativo do corpo humano, o Ocidente criou também o parâmetro a partir do qual o “outro” seria visto, classificado e consumido simbolicamente. A representação imagética do Brasil e, posteriormente, da Amazônia, nasce marcada por esse gesto inaugural de projeção.

Assim, as xilogravuras produzidas por meio do relato de Hans Staden precisam ser pesquisadas como documentos históricos e operadoras simbólicas que participam da formação de uma identidade imagética. Ao traduzirem a alteridade segundo um modelo visual previamente consolidado, contribuíram para fixar no ima-

ginário europeu, e posteriormente global, uma imagem do corpo amazônico como signo de diferença radical, passível de interpretação, domínio e consumo dentro do horizonte do símbolo ocidental estabelecido.

O ENCADEAMENTO SIMBÓLICO

No texto “The Architecture of Theories”³⁹ (CP 6.7-34, EP 1.285-297), Peirce argumentou sobre a edificação de sistemas filosóficos que sejam tão metódicos e sistemáticos quanto a construção de uma casa. Peirce utilizou analogias para demonstrar a ideia que um estudo amplo e metódico do conhecimento humano deve ser o alicerce dos sistemas filosóficos e, que os...

[...] sistemas devam ser construídos arquitetonicamente tem sido pregado desde Kant, mas eu não acredito que o pleno significado dessa máxima tenha sido de fato compreendido. O que eu recomendaria é que toda pessoa que deseja formar uma opinião sobre problemas fundamentais deve, antes de tudo, fazer um levantamento completo do conhecimento humano, tomar nota de todas as ideias valiosas em cada ramo da ciência, observar em que aspectos cada um teve sucesso e onde falhou, para que, à luz do conhecimento profundo assim adquirido sobre os materiais disponíveis para uma teoria filosófica e da natureza e força de cada um, ela possa prosseguir para o estudo do que consiste o problema da filosofia e da maneira adequada de resolvê-lo (CP 6.9).

Tal analogia com a arquitetura ilustrou o pragmatismo, destacando a importância da conexão entre teoria e prática. Ao criticar filosofias fundadas em ideias isoladas Peirce propôs uma abordagem evolutiva, onde leis naturais emergem de um estado inicial de caos marcado por espontaneidade e indeterminação, a “[...] única teoria inteligível do universo é a do idealismo objetivo, segundo a qual a matéria é mente esgotada, hábitos arraigados que se tornam leis físicas” (CP, 6.25). Peirce utilizou categorias fundamentais da Firstness, Secondness e Tirdness (Primeireza, Segundeza e Terceireza)⁴⁰ e conceitos de diversas ciências para legitimar o idealismo objetivo, no qual a matéria é mente esgotada e o universo evolui rumo a um estado de ordem perfeita e racional. Quando nos debruçamos sobre o texto “The Architecture of Theories”, tal como apresentado nos Collected Papers (Peirce, 1931-58), encontramos em CP 6.18 (Cross-Ref: ††§3. The Law of Habit) uma chave conceitual que reverbera diretamente nos fundamentos do nosso trabalho.

39 Parte de uma série de cinco artigos publicados em *The Monist* (1891, 1892 e 1893)

40 “Em inglês, essas categorias receberam o nome de firstness, secondness e tirdness e, dada a liberalidade com que se usa o sufixo -ness em língua inglesa, talvez sua melhor tradução em português devesse usar um sufixo igualmente corrente, o -eza, para que um registro semelhante pudesse ser mantido. Além do mais, os termos primeireza, segundeza e terceireza evitariam as conotações indesejáveis que surgem com o sufixo -idade (tais como laivos de hierarquia, idade, gradação, etc.) e mantêm a noção de qualidade que é o que está implícito em -ness” (PINTO, 1995, p. 17) Para não causar estranhamento continuarei com o que é habitual no Brasil e utilizarei o sufixo -idade: Primeiridade, Secundidade e Terceiridade.

E assim Peirce iniciou o texto que revelou o pensamento que se desdobrou em profundidade e envergadura, “Voltando-nos para a psicologia, descobrimos que os fenômenos elementares da mente estão divididos em três categorias” (CP 6.18), são elas: Primeira, temos os sentimentos, que incluem tudo o que está imediatamente presente, como a dor, o azul, a alegria ou o sentimento que nasce quando contemplamos uma teoria consistente, etc.” (CP 6.18). A Primeiridade é o sentimento “perfeitamente simples em si mesmo” (CP 6.18). Peirce entendeu os sentimentos como sensações simples e imediatas, i.e., sentir azul, sentir verde ou, o que é a Primeiridade no hábito, o sentimento de contentamento. Segunda: Além dos sentimentos possuímos as sensações de reação, i.e., o choque ou impacto que ocorre quando um sentimento muda repentinamente para outro. “Suponha que eu não tivesse nada em mente além de uma sensação de azul, que de repente fosse substituída por uma sensação de vermelho; então, no instante da transição, haveria um choque, uma sensação de reação, minha vida azul sendo transmutada em vida vermelha” (CP 6.19). Então, a relação entre sensações se dá por meio da Secundidade, ou seja, a experiência de transição entre dois estados cujo “Esse último sentimento poderia perdurar (concebivelmente, quero dizer) após a memória do acontecimento e as sensações de azul e vermelho terem desaparecido” (CP 6.19). Peirce propõe que: se possuímos memória, podemos reter o sentimento peculiar que se manifesta na transição por um período, mesmo depois que as sensações originais (azul e verde) desaparecem. Assim, a memória prolonga a experiência de transição relacionada a mudança. Porém, existem dois tipos de sentido de ação e reação...

[...] pode ser uma percepção da relação entre duas ideias ou um sentido de ação e reação entre um sentimento e algo fora do sentimento. E esse sentido de reação externa, por sua vez, tem duas formas; pois é ou uma sensação de algo que nos acontece, sem qualquer ação de nossa parte, sendo nós passivos na questão, ou é um sentido de resistência, isto é, de nosso gasto de sentimento sobre algo externo. O sentido de reação é, assim, um sentido de conexão ou comparação entre sentimentos, seja, A, entre um sentimento e outro, ou, B, entre um sentimento e sua ausência ou grau inferior; e, em B, temos, primeiro, o sentido do aumento do sentimento e, segundo o sentido da remissão do sentimento (CP 6.19).

Explicarmos o primeiro tipo requer que o leitor imagine uma fotografia da paisagem amazônica na cor sépia. O sentimento inicial pode ser de serenidade, nostalgia ou até melancolia motivados pela cor sépia. A ideia de contraste entre os elementos naturais como rios, árvores e o céu iluminado é percebida a partir da composição da imagem fotográfica, i.e., o contraste entre luz e sombra, o equilíbrio dos elementos. O sentido de reação está na ação mental em relacionar as ideias de luz e sombra, proximidade e distância, quietude e movimento. Para o segundo tipo ou

a relação entre sentimento e algo externo, lhe convindo a pensar na xilogravura de um pescador no rio Amazonas. A textura rústica da xilogravura pode evocar uma sensação de simplicidade ou conexão com a tradição, assim é o sentimento inicial. Quando observamos a xilogravura a reação externa de passividade acontece ao sentir algo que se assemelha com 'aconteceu comigo'. A xilogravura parece evocar memórias de tempos outros ou histórias de pescadores contadas por alguém. Uma reação passiva acontece porque a xilogravura age sobre quem a observa sem esforço do observador. A resistência ou reação externa ocorre quando tentamos interpretar o conteúdo imagético da xilogravura como signo. Por exemplo, o pescador como representação da resistência cultural amazonida, para tal interpretação é necessário um esforço emocional e cognitivo. Aqui, sentimos a resistência da imagem ao oferecer múltiplos significados, nos desafiando a compreendê-la. Tanto na imagem fotográfica quanto no conteúdo imagético da xilogravura experimentamos uma conexão entre sentimentos onde a reação pode ser entre o sentimento de serenidade da água e o sentimento de inquietude no rosto do pescador. A comparação entre presença e ausência é entendida ao notarmos áreas claras e escuras na imagem, percebemos um aumento ou remissão do sentimento dependendo do contraste, como se a luz representasse esperança e a sombra representasse incerteza. O que é a Secundidade no hábito, envolver o sentimento de contentamento evoluindo para a sensação de satisfação.

Existem apenas duas maneiras de descrever a mesma experiência. É uma dupla consciência. Tornamo-nos conscientes de nós mesmos ao nos tornarmos conscientes do não-eu. O estado de vigília é uma consciência de reação; e como a própria consciência é bilateral, ela também tem duas variedades: a ação, onde nossa modificação das outras coisas é mais proeminente do que a reação delas sobre nós, e a percepção, onde o efeito delas sobre nós é esmagadoramente maior do que o nosso efeito sobre elas. E essa noção de sermos como as outras coisas nos fazem é uma parte tão proeminente de nossa vida que concebemos que outras coisas também existem em virtude de suas reações umas contra as outras. A ideia do outro, do não, torna-se um eixo central do pensamento. A esse elemento, dou o nome de Secundidade (CP 1.324).

Terceira: As concepções gerais (general conceptions), representam a consciência de que conexões entre sentimentos são determinadas por regras gerais ou hábitos. Tal categoria traduz a habilidade intelectual, que consiste na capacidade

de adquirir e aplicar hábitos, mesmo em ambientes distintos daqueles em que esses hábitos⁴¹ foram desenvolvidos. Diferentes das sensações e reações-sensações, ou até mesmo das perturbações do sentimento, ...

[...] são as concepções gerais. Quando pensamos, temos consciência de que uma conexão entre sentimentos é determinada por uma regra geral; estamos cientes de que somos regidos por um hábito. O poder intelectual nada mais é do que a facilidade em adquirir hábitos e segui-los em casos essencialmente análogos, mas, nos aspectos não essenciais, amplamente distintos dos casos normais de conexões de sentimentos sob os quais esses hábitos foram formados (CP 6.20).

Resumidamente: Primeiridade - A sensação pura na disponibilidade contemplativa, Secundidade - A reação ao impacto da imagem, Terceiridade - A relação interpretativa entre os signos da imagem.

De acordo com Peirce (CP 6.7-34) a mente atua como um sistema dinâmico e em constante evolução. Em CP 6.20 Peirce relacionou concepções gerais ao hábito e distinguiu sentimentos simples e reações físicas das concepções gerais. Ao associarmos a cor verde à natureza, à floresta amazônica e a cor azul ao céu, tal associação é guiada por um hábito mental. Peirce conclui que a mente possui uma tendência natural à generalização (CP 6.21) onde sentimentos podem espalhar-se ou conectarem-se, as ideias e emoções se reproduzem e se assimilam umas às outras o que dá origem a novos padrões. Tais experiências contribuem para o crescimento da mente. Quando adentramos em uma nova cultura, por exemplo os Ye'kuana⁴² e aprendemos novos tipos de comportamentos. A princípio encontramos certas dificuldades, porém, à medida que as experimentamos o sentimento de dificuldade é minimizado e passa a ser substituído pela fluidez. Conexões entre as experiências repetidas são realizadas por parte das ações mentais criando novos hábitos ou dar

41 Colocamos juntas as palavras ambiente e hábitos na mesma frase. Preciso explicar que o termo *ethos* (do grego antigo ἔθος: "hábito, costume, uso"; ἦθος: "caráter, disposição, hábito") refere-se ao conjunto de traços e comportamentos que definem o caráter ou a identidade de um indivíduo ou de uma coletividade. Ele abrange hábitos e costumes compartilhados, que moldam tanto as práticas sociais quanto os valores de um grupo. *Ethos* deriva de dois vocábulos gregos com grafias distintas, que originam diferentes sentidos. No primeiro, *êthos* (ἦθος, com eta inicial), refere-se à ideia de morada ou lugar de estada permanente, que serve como abrigo. Esse conceito se relaciona a costumes, estilo de vida e ações habituais. No segundo, *ethos* (ἔθος, com épsilon inicial), descreve um comportamento que surge da repetição constante de atos, mas que não é natural nem necessário. Esse *ethos* enfatiza o hábito como uma orientação estável para agir de forma virtuosa e alinhada ao bem, constituindo o fundamento da práxis humana. Conforme Peirce: "O hábito é aquela especialização da lei da mente pela qual uma ideia geral adquire o poder de provocar reações. [...] No entanto, para que a ideia geral alcance toda a sua funcionalidade, é necessário também que se torne sugestiva por meio de sensações. Para aprender a fazer isso, é preciso, inicialmente, prestar atenção às diferentes ações nas diversas partes do movimento, até que, de repente, surge uma concepção geral da ação, tornando-a perfeitamente fácil. Pensamos que o movimento que estamos tentando realizar envolve esta ação, aquela, e mais outra. Então surge a ideia geral que une todas essas ações, e, a partir disso, o desejo de realizar o movimento desperta a ideia geral. O mesmo processo mental é empregado repetidas vezes sempre que estamos aprendendo a falar um idioma ou adquirindo qualquer tipo de habilidade." (CP 6.145)

42 No Brasil, a oeste no Estado de Roraima, os Ye'kuana são denominados pelo etnônimo Mayongong e na Venezuela por Makiritares da família lingüística Karib. Habitam na terra indígena Yanomami. Anteriormente os Ye'kuana habitavam apenas a comunidade (Fuduwaadunha e Kudaatannha) de Auaris nas proximidades do rio de mesmo nome. Vivem a vinte dias de viagem ao norte por meio de canoa, às margens do rio Uraricuera no município de Alto Alegre, onde foi fundada a comunidade (Waichannha) de Waikás.

vigor à hábitos existentes. Peirce demonstrou que sentimentos e concepções gerais podem ser explicados em termos fisiológicos: “A nebulosidade das noções psicológicas pode ser corrigida ao conectá-las com concepções fisiológicas. O sentimento pode ser suposto existir onde quer que uma célula nervosa esteja em estado de excitação” (CP 6.22). Quando células nervosas estão excitadas, sentimentos são encontrados; concepções gerais se manifestam da formação de hábitos no sistema nervoso, que dimanam de transformações moleculares conectadas ao funcionamento do corpo. Quando ouvimos o uirapuru veado⁴³ nossas células nervosas em resposta aos estímulos sonoros são ativadas. Ao ouvirmos o canto do Uirapuru repetidamente em contextos auspiciosos, o cérebro desenvolve um hábito que associa o som do canto a sentimentos de felicidade.

Conforme Peirce enquanto as leis físicas exigem precisão absoluta, a lei mental é flexível. Ela torna possível que sentimentos ou ideias apareçam, diferente da forma rígida das leis físicas. Tal flexibilidade permite que o pensamento evolua da mesma forma que novos e diferentes hábitos se formem. A lei do hábito...

[...] apresenta um contraste marcante com todas as leis físicas no caráter de seus comandos. Uma lei física é absoluta... A lei da mente apenas torna um dado sentimento mais provável de surgir. Assim, ela se assemelha às forças “não conservativas” da física, como a viscosidade e semelhantes, que são devidas a uniformidades estatísticas nos encontros fortuitos de trilhões de moléculas (CP 6.23).

Vamos tentar exemplificar. Imaginemos você na beira de um igarapé⁴⁴ com a Cruviana⁴⁵ soprando-lhe o rosto. Ao relaxar, a mente começa a divagar em excesso. Com o passar do tempo a repetição transforma o relaxamento em meditação e a meditação num hábito. Então, a mente vai se disciplinando naturalmente para alcançar o estado de serenidade. A adaptação mental acontece gradualmente, porém, não obedece a uma regra rígida.

Sintetizando, os sentimentos e reações são bases sensoriais e emocionais da experiência. As experiências ao serem conectadas formam padrões. Tal processo é a tendência da mente em generalizar, i.e., as concepções gerais. O que fundamenta o processo é a fisiologia, expondo como hábitos são formados ao nível neural. O motor do crescimento da mente, em contraste com a rigidez das leis físicas é o que entendemos por flexibilidade mental.

43 Microcerculus (micros - μικρός = pequeno; e kerkos - κίρκος = cauda) marginatus (com margem ou bordado) i.e., pássaro bordado com cauda pequena.

44 Riacho

45 Segundo a lenda amazônica; Cruviana: mulher que se transforma em vento para se manifestar ao entardecer como uma brisa amena.

No texto “The Doctrine of Necessity Examined” (CP 6.35-65). Peirce criticou o Necessitarismo ou determinismo estrito — “the common belief that every single fact in the universe is precisely determined by law” (CP 6.36). Além de ter questionado os fundamentos de tal doutrina, propôs uma alternativa no mínimo criativa: Peirce incorporou o acaso e a espontaneidade como elementos essenciais para explicar a variedade, complexidade e evolução do universo. Ele sustentou que o necessitarismo reduziria a mente e a consciência a aspectos ilusórios de um sistema material, ao negar espaço para a liberdade e criatividade. Ou seja, uma perspectiva limitada e insatisfatória da realidade. De acordo com Peirce o acaso (ou espontaneidade) é essencial para explicar a crescente diversidade e as irregularidades no universo, algo que o determinismo mecânico, em tempo algum, poderia explicar completamente. Ao contrário do necessitarismo, cuja mente parecia ser um detalhe trivial, ele sustentou que a mente deve ocupar uma posição central e um princípio que conecta alma e corpo⁴⁶.

Chegamos ao terceiro texto da série. “The Law of Mind” (CP 6.102-163) onde Charles Sanders Peirce propôs uma perspectiva inovadora sobre os processos mentais e a função da continuidade no raciocínio humano, estruturando a filosofia dentro de um contexto evolucionista. Peirce defendeu que as ideias são entidades mutáveis, componentes dinâmicos que se espalham em um fluxo ininterrupto, perdendo intensidade à medida que se difundem, mas ganhando generalidade ao se incorporarem a outras ideias. Esta dinâmica evidencia a relevância do Sinequismo⁴⁷, a ideia filosófica de continuidade, para elucidar a interação entre ideias e o processo de evolução na mente – “Desenvolvi, assim, da melhor maneira que pude em um espaço limitado, a filosofia sinequística aplicada à mente” (CP 6.163). Ele também ressaltou que a consciência engloba um período de tempo contínuo, revelando uma percepção direta do presente como uma integração entre passado e futuro...

[...] portanto, analisar a lei da mente, devemos começar perguntando em que consiste o fluxo do tempo. Descobrimos que, em relação a qualquer estado individual de sentimento, todos os outros pertencem a duas categorias: aqueles que afetam esse estado (ou têm a tendência de afetá-lo, o que investigaremos em breve) e aqueles que não o afetam. O presente é afetado pelo passado, mas não pelo futuro (CP 6.128).

Ao afirmar que Peirce revelou uma percepção do presente como integração entre passado e futuro e em seguida utilizar uma citação, do próprio Peirce, afirmando que o presente é afetado pelo passado, mas não pelo futuro, pode parecer

⁴⁶ [...] by supposing the rigid exactitude of causation to yield, I care not how little – be it but by a strictly infinitesimal amount – we gain room to insert mind into our scheme, and to put it into the place where it is needed, into the position which, as the sole self-intelligible thing, it is entitled to occupy, that of the fountain of existence; and in so doing we resolve the problem of the connection of soul and body (CP 6.61).

⁴⁷ Do grego συνεχής - synechēs ou contínuo. σύν - syn = junto + εἶναι - échein = manter.

contraditório. No entanto, se prestarmos atenção ao pensamento de Peirceano em sua totalidade, a aparente contradição se dissolve. Peirce distingue entre o que é diretamente *afetado*.

Dizer que um estado está entre dois estados significa que ele afeta um e é afetado pelo outro. Entre quaisquer dois estados, nesse sentido, encontra-se uma série inumerável de estados que se afetam mutuamente; e se um estado estiver entre um estado dado e qualquer outro estado que possa ser alcançado inserindo-se estados entre esse estado e qualquer terceiro estado, sendo que esses estados inseridos não afetam nem são imediatamente afetados por nenhum dos dois, então o segundo estado mencionado afeta ou é imediatamente afetado pelo primeiro, no sentido de que, em um, o outro está ipso facto presente em um grau reduzido (CP 6.131).

... e o que é *continuidade*:

O tempo, com sua continuidade, logicamente envolve algum outro tipo de continuidade além da sua própria. O tempo, como a forma universal de mudança, não pode existir a menos que haja algo que sofra mudanças, e para que algo passe por uma mudança contínua no tempo, deve haver uma continuidade de qualidades mutáveis. Da continuidade das qualidades intrínsecas do sentimento, agora podemos formar apenas uma concepção fraca. O desenvolvimento da mente humana praticamente extinguiu todos os sentimentos, exceto alguns tipos esporádicos, como sons, cores, cheiros, calor, etc., que agora parecem desconectados e díspares. No caso das cores, há uma dispersão tridimensional de sentimentos. Originalmente, todos os sentimentos podem ter estado conectados da mesma maneira, e presume-se que o número de dimensões era infinito. Pois o desenvolvimento essencialmente envolve uma limitação de possibilidades. Mas, dado um número de dimensões do sentimento, todas as variedades possíveis podem ser obtidas variando as intensidades dos diferentes elementos. Assim, o tempo logicamente supõe uma gama contínua de intensidade no sentimento. Segue-se, então, da definição de continuidade, que, quando qualquer tipo particular de sentimento está presente, um continuum infinitesimal de todos os sentimentos que diferem infinitesimalmente dele também está presente (CP 6.132).

Compreendo que na filosofia Peirceana a noção de que a consciência compreende um intervalo contínuo de tempo significa que existe uma continuidade lógica e experiencial entre os momentos. I.e., o presente é entendido como transição fluida entre passado e futuro. Tal pensamento vai ao encontro da noção peirceana do *Synechism*. É importante enfatizar que as três ciências normativas correspondem às...

[...] três categorias, que, em seu aspecto psicológico, aparecem como Sentimento, Reação e Pensamento. Avancei muito na compreensão dessas categorias desde os tempos de Cambridge e agora posso apresentá-las de forma muito mais clara e convincente. A verdadeira natureza do pragmatismo não pode ser compreendida sem elas. Ele não toma a Reação como o tudo, como inicialmente me pareceu, mas toma o objetivo final como o tudo, e o Fim é algo que dá sua sanção à ação. Ele pertence à terceira categoria. Apenas é necessário evitar uma visão nominalista do Pensamento, como se fosse algo que um homem tem em sua consciência. Consciência pode significar qualquer uma das três categorias. Mas, se deve significar Pensamento, ele está mais fora de nós do que dentro. Somos nós que estamos nele, em vez de ele estar em qualquer um de nós. Claro, não consigo me explicar completamente em poucas palavras, mas acredito que seria um grande serviço aos psicólogos explicar a eles minha concepção da natureza do pensamento (CP 8.256)

E, segundo o próprio Peirce: *This then leads to synechism, which is the keystone of the arch* (CP 8.257). O que nos leva a crer que o tempo é um fluxo que conecta os momentos sem rupturas. Portanto, o que parece uma contradição é, na verdade, uma nuance. O presente é formado e afetado pelo passado, enquanto a ideia do futuro está presente no fluxo contínuo da consciência, mas, como uma possibilidade que ainda não exerce influência direta. Essa interpretação respeita a visão de Peirce sobre o tempo como uma continuidade experiencial e lógica.

ALGO A ENSINAR

Por meio da arquitetura filosófica proposta por Charles Sanders Peirce, as gravuras produzidas por meio do relato de Hans Staden podem ser compreendidas como representações iconográficas do encontro colonial, mas nosso interesse é identificá-las enquanto operadoras simbólicas inseridas em um processo evolutivo da mente. Elas não se limitam a encerrar um significado; inauguram um hábito interpretativo. É nesse ponto que se pode compreendê-las como símbolos germinais. O símbolo, para Peirce, pertence à Terceiridade: é lei, generalidade, hábito em formação. Diferente do ícone, que apresenta qualidades, e do índice, que aponta por contiguidade, o símbolo cresce. Ele vive da repetição e da sedimentação. Uma força que não reside na imagem isolada, mas na capacidade de instaurar um padrão de interpretação que se torna regra.

As imagens, ao representarem o corpo indígena sob o símbolo da nudez, do canibalismo e da ferocidade, funcionam como símbolos germinais de um processo de generalização. O que nelas aparece como episódio histórico torna-se, pela circulação e repetição, hábito mental europeu. A alteridade deixa de ser acontecimento e

converte-se em categoria. Aqui opera a lei do hábito (CP 6.20-6.23). A mente tende a generalizar. Sentimentos e reações provocados pela imagem e.g. choque, estranhamento e fascínio transformam-se progressivamente em concepções gerais. O corpo indígena deixa de ser um corpo singular e passa a representar “o selvagem”. A imagem particular germina uma lei interpretativa. Esse processo é sinequístico. Não há ruptura entre a primeira impressão imagética e as representações posteriores do Brasil e Amazônia. O que há é continuidade. O símbolo germinal perde intensidade icônica e ganha generalidade. Como Peirce afirma em *The Law of Mind*, as ideias difundem-se, enfraquecem em intensidade, mas ampliam sua extensão. As gravuras do séc. XVI são absorvidas por outras interpretações, regravadas por artistas como Theodore de Bry, reiteradas em discursos missionários e científicos, até consolidar um hábito civilizatório do entendimento do “outro”.

O símbolo germinal não impõe por necessidade material (analogico ou virtual), mas por probabilidade mental. A lei da mente não é absoluta como a lei física; ela torna certas interpretações mais prováveis. Assim, a repetição imagética aumenta a probabilidade de que o corpo amazônico seja percebido segundo o esquema previamente instaurado. O que era possibilidade torna-se expectativa. Sob a perspectiva do Sinequismo (CP 8.257), as imagens/ gravuras constituem a pedra angular de um arco interpretativo que atravessa séculos. O presente da representação amazônica é afetado por esse passado imagético. Não como determinação mecânica, mas como hábito incorporado. O passado está no presente em grau reduzido, mas operante (CP 6.131).

Se a mente cresce pela formação de hábitos, as gravuras na obra de Staden participam do crescimento de um hábito cultural/europeu: o de interpretar a alteridade a partir do cânone visual ocidental já consolidado. Elas projetam o cânone e o expandem. Funcionam como ponto de inflexão entre Primeiridade (impacto sensível da imagem), Secundidade (choque da alteridade) e Terceiridade (estabilização simbólica). Nesse sentido, a gravura/imagem enquanto símbolo germinal é aquela que inaugura um campo de generalizações futuras. Ela é semente de uma lei interpretativa. Nas gravuras que estudamos, o corpo indígena torna-se signo inaugural de um encadeamento simbólico que atravessa a modernidade e alcança as representações contemporâneas da Amazônia. A força das imagens está no que mostram e no hábito que instauram. Ao converter o encontro em símbolo, fundam uma tradição de leitura. O “selvagem” é visto e passa a ser esperado. E o que é esperado, repete-se. Assim, as xilogravuras do séc. XVI são compreendidas como símbolos germinais de uma economia imagética da alteridade. Elas participam do processo evolutivo da mente ocidental ao instituírem uma lei de interpretação que, por continuidade, modela a percepção do Brasil e, posteriormente, da Amazônia. São documentos

históricos, são matrizes simbólicas em expansão normatizando a forma de consumo da representação do corpo humano na Amazônia. Assim, a representação do corpo amazônico continua a ser interpretado na espessura do encadeamento simbólico, onde passado e presente se tocam sem ruptura (CP 1.171). O que foi gravado na madeira do século XVI permanece gravado na continuidade da consciência.

Permita-me um pequeno trecho da introdução deste trabalho: “Aquele que trai conscientemente possui algo a ensinar. Nos entrega uma verdade construída em uma época passada, mas que reverbera no tempo presente”. Nessa persistência discreta, porém eficaz, que o símbolo germinal revela a força da instauração da forma de enxergar. Enxergar a representação imagética do outro, construída no passado, que continua a existir, pois “tudo o que existe é contínuo” (CP 1.172).

BIBLIOGRAFIA

- ESTIENNE, C. **La dissection des parties du corps humain**. Paris: Simon de Colines, 1546
- FERREIRA, A. G. **Dicionário de Latim-Português**. Porto: Editora Porto, 1983.
- PEIRCE, C. S. The Architecture of Theories. **The Monist**, v. 1, n. 2, 1 de janeiro de 1891, pp. 161-176.
- PEIRCE, C. S. The Doctrine of Necessity Examined. **The Monist**, v. 2, n. 3, April, 1892, pp. 321-337.
- PEIRCE, C. S. The Law of Mind. **The Monist**, v. 2, n. 4, July, 1892, pp. 533-559.
- PEIRCE, C. S. Man’s Glassy Essence. **The Monist**, v. 3, n. 1, October, 1892, pp. 1-22.
- PEIRCE, C. S. Evolutionary Love. **The Monist**, v. 3, n. 2, January, 1893, pp. 176-200.
- PEIRCE, C. S. Collected Papers of Charles Sanders Peirce. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- PEIRCE, C. S. **Escritos coligidos**. São Paulo, ed. Nova Cultural, 4.ed., 1989, trad. Armando Mora D’Oliveira e Sérgio Pomerangblum.
- PEIRCE, C. S. **Semiótica e Filosofia**. Cultrix, São Paulo 1992
- PEIRCE, C. S. **Semiótica**. Perspectiva, São Paulo, 1990
- PEIRCE, C. S. **Collected Papers**, compilação em CD ROM. Indiana University. 2000
- PILCHER, L S. The Mondino Myth, In: **Medical library and historical journal** v. 4, n.4, 1906, pp. 311-31.
- STADEN, H. **Warhaftige Historia und Beschreibung eyner Landtschafft der Wilden, Nacketen, Grimmigen Menschfresser-Leuthen, in der Newenwelt America gelegen**. Gedruckt zu Marpurg. Im Kleeblatt, bei Andres Kolben, 1557.
- STADEN, H. **Suas Viagens e Captiveiro entre os Selvagens do Brazil**. São Paulo: Typ. da Casa Eclectica. Tradução de Alberto Löfgren; notas de Teodoro Sampaio, 1900.

